O ENTRE-LUGAR NA LITERATURA REGIONALISTA: ARTICULANDO NUANÇAS CULTURAIS

THE IN-BETWEEN SPACE IN THE REGIONAL LITERATURE: ARTICULATING CULTURAL NUANCES

Leoné Astride Barzotto*

RESUMO: A hibridização ocorre no local cultural, num 'entre-lugar' deslizante, com a fusão de universos diversos entre os quais o sujeito da linguagem se situa mediante um contexto (ideológico, social e histórico) que permite a visualização e a audição do discurso híbrido. Logo, esse *in-between space* vivencia a hibridização porque é altamente ambivalente e contraditório, pois carrega todo o peso e o significado das culturas que o edificam, mas é, acima de tudo, uma condição prévia para a articulação das nuanças culturais. Assim, estudar-se-á um *corpus* literário de caráter regional que permite a averiguação deste entre-lugar na interface da literatura para com a cultura.

Palavras-chave: literatura regional; cultura; entre-lugar.

ABSTRACT: Hybridity occurs in the cultural place, in the liminal in-between space, within the fusion of different realities among which the subject of the speech is located throught a context (ideological, social and historical) that allows the hybrid discourse visualization and hearing. Then, this in-between space experiences the hybridity because it is highly ambivalent and contradictory once it carries the whole cultural burden and meaning that edify it, but it is, above all, a previous condition to the articulation of cultural nuances. Thus, a regional literary corpus will be researched in order to analyse this in-between space in the interface of literature with culture.

Keywords: regional literature; culture; in-between space.

INTRODUÇÃO

O mundo ocidental está se mesclando de tal forma que parece não haver mais a possibilidade de se encontrar indivíduos absolutamente 'puros' no sentido cultural, social, biológico e étnico. Porém, muitos sujeitos híbridos não têm consciência de sua mistura, imaginando-se 'puros' ou negando a própria composição, camuflando sua existência e, às vezes, colaborando com processos fanáticos de absolutismos

* Professora Adjunta - Nível I - com dedicação exclusiva na Universidade Federal da Grande Dourados, MS.

religiosos e/ou étnicos. Por outro lado, a promoção de uma realidade mesclada, em que contrários coexistem, enfrentando suas diferenças, respeitando e não as anulando, evitando os fundamentalismos, parece ser uma perspectiva mais positiva e tolerável para a organização de todo o contínuo híbrido que as mais variadas sociedades vivenciam desde os primórdios de sua formação. O hibridismo não é um fenômeno moderno, porém é profundamente reforçado e exposto com o advento da colonização e pós-colonização do globo.

O híbrido tem por finalidade nomear algo ou alguém cuja formação é mista, derivada de fontes heterogêneas. Este termo passa a ser empregado fortemente nos estudos da cultura a partir dos deslocamentos e migrações acentuadas do século XX. Na literatura, com mais propriedade nos estudos pós-coloniais, é altamente abordado por Homi Bhabha que, por sua vez, o apropriou da concepção de Bakhtin de 'hibridismo linguístico'. O híbrido constitui a identidade do duplo, dinâmica, flexível e plurivocal em contraposição à concepção hierárquica da identidade pura, única, autêntica, univocal e uniforme que, além de infecunda, é anticomunitária. Como termo amplamente usado por vários críticos e estudiosos, gera polêmica e controvérsias, atingindo patamares de significação positiva ou negativa de acordo com a perspectiva que lhe é empregada.

Atualmente, as metrópoles centralizadoras do poder passam a ser 'invadidas' por movimentos migratórios desenfreados com sujeitos advindos das mais diversas partes do planeta e, nesta fusão humana, o hibridismo cultural atinge seu ápice. É uma reviravolta histórica, resultante da frequente exploração das nações postas à margem em que, fatidicamente, o criador é 'tomado' por suas criaturas. Não é mais uma questão de se investigar a proposta homogênea e unilateral imperialista, pois esta já não existe mais, é utópica e ilusória uma vez que somos todos sujeitos de comunidades híbridas e multiculturais. Mesmo diante dos projetos neo-imperialistas de alguns países, a pureza étnica, por exemplo, cai por terra. Revertendo o movimento do centro para a periferia que caracterizou a era colonial e fez das colônias 'o local dos sincretismos e hibridismos', os grandes 'centros globais' são agora internacionalizados e hibridizados neste novo momento histórico pós-(ou neo) colonial (COSER, 2005, p. 176).

Os povos pós-coloniais percebem na fusão uma saída para a problemática da pós-independência e, até mesmo, durante a dependência, pois se encontraram marginalizados, periféricos e largados à própria sorte, como se forçados à mistura de costumes, estilos e línguas. Esta mescla, em princípio forçada, torna-se um modo inevitável de sobrevivência e regeneração. A ocorrência do hibridismo cultural permite que o 'novo' entre no mundo inscrito pelas forças hegemônicas e o modifique e, sobretudo, passa a ser uma condição necessária à modernidade dessas comunidades construídas dentre os impasses de perdas e ganhos culturais e históricos. "Em toda parte, hibridismo, *différance*" (HALL, 2003, p. 33; grifo do autor). Logo, todas as façanhas originadas dos mais variados embates socioculturais acabam por modificar a face da comunidade e, consequentemente, da nação.

A discussão acadêmica atual aborda o termo hibridismo com maior ênfase, em detrimento dos termos mestiçagem e sincretismo, porque esses limitam a idéia interpretativa que hibridização pode apresentar. A mestiçagem ou miscigenação alia-se à mistura de etnias, enquanto o sincretismo alia-se à mistura de credos religiosos. Portanto, hibridização/hibridação parece ser o termo mais adequado para absorver as mais variadas nuanças culturais que podem advir de uma mistura, valorizando-se o diferente, a alteridade do novo sujeito que está construindo esse 'novo' mundo. "O hibridismo é, portanto, resultante de um contínuo processo de transculturação e a identidade híbrida não é mais nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas" (CARREIRA, 2005).

A pós-modernidade não rompe com a modernidade, mas nela busca pressupostos de sustentação, exclui ou aglomera algumas tradições para reformular-se constantemente, sendo sinônimo de hibridização, pois é ponto convergente de múltiplas misturas, estilos, leituras e idéias que se aceitam ou se repelem em uma progressiva transformação. "O hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, canções é 'como a novidade entra no mundo" Rushdie (apud HALL, 2003, p. 34). Todavia, a globalização parece ser a chaga desse processo, porque ao mesmo tempo em que prega a liberdade de mercado, tolhe a liberdade dos indivíduos e, na busca obcecada de novos mercados a conquistar, homogeneíza as diferenças, pasteurizando-as. Apresenta um discurso que deve ser lido às avessas, porque pretende incluir todo e qualquer indivíduo, abranger toda e qualquer heterogeneidade, independentemente de sua origem, em sua proposta de encontrar um propenso consumidor e, nesse projeto unilateral que é propagado como plurilateral, sedimenta e sufoca as dessemelhanças, cujo impacto dificulta e, até mesmo, impede a manutenção do indivíduo mesclado como sujeito de si, sem contar os prejuízos dos mercados internos, que passam a viver de uma interdependência econômica e financeira diante do poderio multinacional que comanda o sistema. Um exemplo literário desta contradição que opera a globalização se dá por meio de um recorte do conto do escritor regionalista goiano, Bernardo Élis, *A Enxada*.

O texto *A enxada* descreve a trajetória desumana e brutal pela qual perpassa o roceiro Supriano, afro-descendente semi-escravizado que habita a zona rural de um suposto território goiano, numa configuração emblemática da dependência cultural e econômica de grande parcela da sociedade. Supriano - Piano na maioria do texto - é um sujeito desprovido de tudo, não tem dinheiro, não tem comida, não tem vida social tampouco tem a enxada para plantar a roça de seu algoz, capitão Elpídio Chaveiro que o recebeu como pagamento de dívida em negócios com o delegado da cidade. Todavia, a Supriano não lhe falta dignidade e, com isso, a vontade de cumprir sua meta - plantar o arrozal do fazendeiro - pois assim presume quitar sua dívida há tempos adquirida de forma não muito bem esclarecida, junto ao delegado. Desta forma, Piano precisa plantar em terras do capitão Elpídio, mas o patrão, movido pela animalização que às vezes acomete os homens, não lhe fornece instrumento algum para o trabalho no campo, tampouco a enxada de que tanto necessita a personagem.

> O camarada tacava os tocos sangrentos de mão na terra, fazia um buraco com um pedaço de pau, depunha dentro algumas sementes de arroz, tampava logo com os pés e principiava nova cova. [...]
> - Óia, ô! Pode dizer pra Seu Elpídio que tá no finzinho, viu? Ah, que com a ajuda de Santa Luzia... – E com fúria agora tafulhava o toco de mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, o taco de graveto virando bagaço: - ... em ante do meio-dia, Deus adjuntorando...
> Um soldado que estava ainda em jejum sentiu uma coisa ruim por dentro, pegou a amarelar e com pouco estava gomitando. [...]
> Aí o soldado abriu a túnica, tirou de debaixo um bentinho sujo de baeta vermelha, beijou, fez o pelo-sinal, manobrou o fuzil, levou o bruto à cara no rumo do camarada.
> Do seu lugar, Piano meio que se escondeu por trás de um toco de peroba-rosa que não queimou, mas o cano do fuzil campeou, cresceu, tampou toda a sua vista, ocultou o céu inteiro. (ÉLIS, 2001, p. 93-94).

Na passagem acima, a zona de contato é a roça do patrão que dignamente é plantada por Piano, mesmo sem possuir qualquer instrumento para o plantio. Contudo, ao cavar com as próprias mãos a terra para a plantação de arroz, Piano cava paradoxalmente a vida e a morte.

Nesse contexto de tensão, Canclini (2003, p. 74) identifica o fenômeno da 'heterogeneidade multitemporal', segundo o qual sociedades díspares coexistem em um mesmo tempo presente com distintos tempos históricos do moderno, tradicional e antigo, ocasionando desajustes entre o modernismo cultural e a modernização socioeconômica. Assim, ressalta a falta de uma política cultural moderna que organize o sistema de hibridismo cultural instaurado para se ter um posicionamento próprio diante das contínuas ofertas internacionais. Para esse autor, culturas híbridas são um entrelaçamento entre o uso do popular, do culto, da cultura de massa e a recepção e o consumo dos bens simbólicos e das tradições populares; preocupa-se também com os efeitos da globalização e de como o projeto emancipador e democratizador da América Latina pode ser prejudicado. "Os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas, do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionistas modernas" (CANCLINI, 2003, p. 73).

Todavia, apesar de toda a problemática dos choques culturais ocorridos no passado sob a insígnia da violência e contínuos no presente pela migração, a hibridização de veneno passa a ser *pharmacon*, pois pode fortalecer estas comunidades culturalmente e, sobretudo, enfraquecer o sistema neo-imperial cujo projeto é fechado e homogêneo e, acima de tudo, iminente. O hibridismo amplia o potencial de comunicação e conhecimento dessas culturas e tem a capacidade de expor o que há de oblíquo nas interações sociais.

Em um mesmo caminho crítico de leitura e interpretação da heterogeneidade latino-americana, o estudioso peruano Antonio Cornejo Polar (apud FANTINI, 2004, p. 171) trabalha com o conceito de 'totalidades contraditórias' para descrever as estratégias desenvolvidas pelos representantes de culturas distintas e de ordem espacial, no mesmo entre-lugar conflitante em que ocorre assimilação e resistência ao modelo europeu, ou seja, a pretensão de autonomia de cada um dos membros dos díspares sistemas porque, diante da contradição histórica e espacial que vivenciam, buscam pela totalidade de sua cultura, agregando as demais.

Assim sendo, a discussão de identidades culturais a partir de sistemas binários e dicotomias de posições extremas e opostas perde espaço já que há uma consciência generalizada entre os críticos de que a constituição das nações outrora colonizadas e colonizadoras é de fato um mosaico cultural híbrido e contrastante e, diante disso, as novas identidades que se constroem e se relacionam constantemente, devem fortalecer suas comunidades, refletir e buscar soluções para a desigualdade social e o desnível econômico que são impostos de fora para dentro. Na mesma vertente, encontra-se Walter Mignolo ao definir seu conceito de 'pensamento liminar', uma espécie de 'outro pensamento' cuja crítica é dupla e aberta para possibilitar a descolonização do pensamento: "uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar; uma maneira de pensar que é universalmente marginal e fragmentária, não é etnocida". Mignolo (2003, p. 104).

Portanto, a cultura precisa mostrar o que de fato o é, revelar as desigualdades e incompletudes que a formam, as suas práticas culturais efetuadas no ato da sobrevivência cultural. Dessa forma, a cultura transforma-se em algo dinâmico e híbrido, produtivo e em constante transformação; de substantivo torna-se verbo, aproximando-se ao que Bhabha denomina de 'experiência intersticial'. Um exemplo primoroso desta experiência intersticial é o que acontece com o protagonista Janjão, no conto homônimo do escritor regionalista sul-mato-grossense, Hélio Serejo.

Nesta narrativa, o próprio autor é também uma personagem que dialoga com Janjão nas andanças campesinas a tropear gado. Sujeito tipicamente de fronteira, Janjão nasceu com o talento para a música a embelezar e, ao mesmo tempo, a suavizar a rotina na lida do campo. "Janjão quis ser um hospedador completo. Do seu quarto trouxe um violão e uma gaita de boca. Encheu a sala de música de fronteira, do Paraguai e do Rio Grande do Sul. Acompanhei-o em várias delas, com a gaitinha de boca comprada em CONCEPCIÓN, cidade Paraguaia" (SEREJO, 1998, p. 52). Na passagem recolhida e em todo o restante do conto, há a evidência da transculturação nos hábitos de Janjão e a interculturalidade entre Brasil e Paraguai é outra constante. No entanto Janjão, peão por opção movido à paixão pelas sertanias, é arrancado de seu destino de tropeiro-violeiro quando os militares lhe exigem o cumprimento das obrigações do exército, seu maior temor e ojeriza. "Somente de uma coisa Janjão tinha pavor: O SERVIÇO MILITAR" (Ibidem, p. 56). Amargurado e entristecido com as atividades no exército, a personagem decide fugir para o Paraguai, onde adoece e é hospitalizado, mas mesmo com os devidos cuidados, "o músico de dedos de

ouro [...] entrega a sua alma ao Criador" (p. 58). A fronteira Brasil-Paraguai é, claramente, o interstício existencial de Janjão, o entremeio cultural que lhe alimenta a alma de boêmio sertanejo. Todavia, a rigidez da ordem social tolhe seu destino e, pro lado de lá da fronteira, emudecem os sons da sanfona e do violão.

1 AS LITERATURAS DE FRONTEIRA: O LOCAL/REGIONAL EM FOCO

Líneas Fronterizas

Parecemos vivir en un mundo de mapas:
Pero en verdad vivimos en un mundo hecho
No de papel ni de tinta sino de gente.
Esas líneas son nuestras vidas. Juntos,
Demos vuelta al mapa hasta que veamos claramente:
La frontera es lo que nos une,
No lo que nos separa.

Há, na atualidade, um discurso em foco que fomenta o 'olhar enviesado' do intelectual latino-americano, ou seja, sustenta este olhar astuto e investigativo tão necessário ao intelectual que analisa e escreve sobre as situações periféricas em relação ao globo e se preocupa acerca de um valor identitário não mais dependente, mas diferencial, se contraposto aos centros hegemônicos. A literatura capta proficuamente tal discurso e o insere nas teias de suas narrativas, atribuindo-lhe um caráter de suplemento que é, ao mesmo tempo, transgressor e testemunhal. Diante do olhar enviesado do intelectual latino-americano, Gomes (2004, p. 29), nas mesmas perspectivas de Santiago e de Bhabha, remonta o terceiro espaço de enunciação que é, exatamente, aquele ocupado pelas margens no discurso literário de suplemento. "Um pé lá, outro cá, num entre-lugar, lugar diferido, pensa-se uma cultura e uma literatura do ponto de vista de uma província ultramarina ou dos subúrbios da periferia, repensando conceitos etnocêntricos, debilitando esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade". Desta forma, o intelectual das margens, maculado pela opressão histórica de outrora, reorganiza seu lugar de referência cultural e legitima um padrão de cultura miscigenada, posicionando-se no centro deste contradiscurso que, ao descolonizar o pensamento latino-americano, transforma-se em pensamento liminar.

Neste influxo cultural das Américas, o conceito de diferença passa a ter autoridade e se propaga pela literatura que o inscreve a fazer uma reviravolta nos ditames pré-estabelecidos de antes, pois com o embate entre tradição e modernidade, os atributos culturais dos atores sociais são reforçados e, no processo contínuo de construção das suas identidades, o silêncio se transforma em rugido e ecoa em múltiplas comunidades a demonstrar que as fronteiras não separam, mas unem realidades; como expressado, por exemplo, no excerto do poema acima, de Alberto Rios[1].

[1] Fonte: *Virginia Quartely Review*, Spring, 2007, p. 4. [grifo meu]

A ênfase teórica nas culturas de fronteira e/ou de grupos de migrantes e nômades contemporâneos parece obliterar o reconhecimento de que, na verdade, *todas* as sociedades são complexas e híbridas. O híbrido não está convenientemente circunscrito às margens, aos guetos de imigrantes, aos *barrios*, aos espaços alternativos ou apenas aos dias atuais. Híbridos não são os *outros:* híbridos somos todos nós, são todas as culturas e todas as histórias (COSER, 2005, p. 186). Desta forma, surge a literatura de 'fronteira', constructo artístico-cultural de seu tempo e espaço, pois deixa transparecer o lado produtivo do hibridismo cultural, cujos valores, resultantes dessa re-significação de símbolos de ambas as culturas, apontam para algo novo, uma nova interpretação, que não pertence a nenhuma cultura em particular. Ao cruzar os contornos das mais variadas ordens, a literatura fronteiriça[2] faz valorizar a heterogeneidade que pulsa nessas veredas e faz subverter o discurso autoritário e hegemônico, além de criar um novo discurso, híbrido e, supostamente, mais libertário.

Neste viés, uma literatura marcada culturalmente é resultado do espaço em que reside. Pratt (1992) chama este espaço de 'zona de contato', constituído de espaços sociais onde culturas díspares se encontram, chocando-se, geralmente com a presença forte do domínio e da subordinação, num cruzamento cultural. Este é, portanto, o lugar intersticial que carrega o peso e o significado da cultura e é justamente isso que torna o hibridismo tão importante. Este lugar intersticial implica ainda assimilação, resistência e transformação de ambos os lados: vive um constante processo de engajamento, contestação, apropriação e mudanças que se refletem na literatura que produz. Neste sentido, Bhabha (2003, p. 24) diz que

> É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte *reúne* enquanto passagem que atravessa.

Nesta reflexão, pensar em literatura fronteiriça é pensar em literatura regional sul-mato-grossense, pois a mesma abrange a "região cultural que compreende a fronteira Brasil *versus* Paraguai e o entorno do Pantanal mato-grossense" de acordo com Santos (2008, p. 15). A literatura fronteiriça, produzida por entre as brechas interculturais da zona de contato, promove a estabilização da comunidade cultural que representa, ou seja, reassume o valor do atributo cultural local e regional, registrando-o e, acima de tudo, propagando-o para além das fronteiras do local.

Igualmente, esta literatura pode ter uma perspectiva local, regional e transnacional, de acordo com o foco de observação que lhe é atribuído. É local porque evidentemente possui um *locus* de enunciação que reforça as premissas culturais locais que visam

[2] A ênfase, neste termo, é para com a fronteira sociocultural e não a fronteira geopolítica tão somente.

superar as marcas de dependência de uma dada comunidade por meio da interculturalidade produtiva. A partir desta assertiva, invalida-se o caráter *uni*versal da literatura visto que há outros espaços e bordas que a literatura deve proficuamente contemplar.

Ao enfocar a heterogeneidade local, promove-se o que Achugar (2006) denomina de 'aldeanismo', ou seja, a curiosidade e a interpelação do intelectual deste terceiro espaço devem focalizar mais o interno que o externo de modo que a concepção do que é *inter* (intertextualidade, interculturalidade, interpretação, intervalar) seja o escopo da literatura. Assim, a literatura local também é regional visto que uma comunidade cultural só se configura como tal por meio de características que são, pela proximidade de experiências, comungadas. Isto acontece, por exemplo, no espaço sociocultural que abrange a região da Grande Dourados, MS.

Todavia, quando processos regionais literários de emancipação se assemelham na ordem mundial, temos uma literatura transnacional porque, por meio das narrativas, evidenciam-se similares processos de dominação, resistência e libertação, como ocorre, por exemplo, com alguns escritores brasileiros e moçambicanos, a citar o caso de Guimarães Rosa e Mia Couto, respectivamente. Assim, o aldeanismo daqui (o próprio) se aproxima do aldeanismo de lá (o alheio) em alguma perspectiva ideológica mesmo que se distanciando em outros aspectos, mas porque pode vir a ser um retrato do local/regional que se propaga ao global pela iminente necessidade de assim o ser.

> Desta perspectiva, o próprio entendimento sobre 'região' precisa ser revisitado. Trata-se de compreendê-la como dinâmica de um processo, onde a relação entre região, espaço e representações, subsumidas no texto e nas demais manifestações culturais, reflita as diversificadas formas de representação. [...]
> Uma região, assim, prefigura, compartilhando, uma das premissas básicas do Comparativismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares. (SANTOS, 2008, p. 28).

Neste mesmo sentido, Hugo Achugar debate veementemente acerca do direito discursivo e teórico do intelectual latino-americano e ironiza tal 'voz' com o que chama de 'balbucio', mas, que verdade, intenciona desequilibrar e chocar com as teorias e discursos impostos de fora e, igualmente irônico, mostrar a capacidade criadora do entre-lugar. Achugar (2006, p. 32) relembra que há 'periferia da periferia' e 'Outros de Outro' e que "muitas vezes o outro da metrópole é quem tortura, invade ou mata o Outro da periferia. Isto é, parece ser necessário recordar que não é suficiente ser o Outro, *mas é necessário demarcar seu posicionamento*" [grifo meu]. Esta demarcação parece estar mais visível na narrativa de fronteira local/regional, independentemente do idioma com o qual é escrita desde que exponha com propriedade os embates culturais e seus sujeitos, pois de acordo com Achugar (2006, p. 85) "A decisão depende de quem fala e, sobretudo, a partir de onde fala". Com propriedade, o excerto a

seguir demonstra a forma pela qual Hélio Serejo demarca seu 'aldeanismo', cujo *locus* de enunciação é fortemente definido pelo amor ao nativismo.

> Vivi, sem queixumes, apoiado tão somente no amor desmedido pela sertania, pela selvatiqueza, enfim, pela obra do Sublime Criador.
> Por esse motivo tornei-me – dádiva de Deus – um escravo apaixonado do nativismo. Sempre agradeço, de mãos postas, ao Pai Celestial, pelo dom gratificante. [...]
> Sem dispendermos grande esforço, em quase tudo que vamos topando em nossa caminhada diária de vivência, encontramos o CRIOULO, uma vez que o CRIOULISMO está em tudo, ressaltante, na tendência nativista, tal como registra a literatura Hispano-Americana. (SEREJO, 1998, p. 36; 145).

Por fim, Bhabha (2003, p. 25) ratifica toda esta argumentação ao expor que "Cada vez mais, as culturas 'nacionais' estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas".

2 ENTRE-LUGAR

Nos encontros culturais efetuados na zona de contato - espaço intersticial / entre-lugar / entremeio - em que duas ou mais culturas se chocam, há uma relativização de verdades e valores, pois os conquistadores disseminam sobre a comunidade a ser explorada um sentimento de superioridade, buscando invalidar e enfraquecer o que pertence ao outro e, desta forma, mais facilmente conquistar. Porém, ironicamente, o 'eu' só tem plena existência em diálogo e em relação ao 'outro'. Todavia, a 'descoberta do outro' ou a sua 'representação' podem, em muitos casos, fomentar sua destruição como bem exemplifica a história do imperialismo na América Latina. Logo, é preciso respeitar a alteridade sem descobrí-la ou representá-la.

Contudo, sabe-se que através da reescrita e da releitura, apropriando-se da linguagem do dominador, o subalterno apresenta voz forte e um contradiscurso efetivo, capaz de melindrar, invalidar e anunciar ao mundo os projetos colonialistas e neocolonialistas e, com isso, enfraquecê-los. Paira, sobre esta premissa, a relevância de conscientização acerca da produção literária, da crítica e da teoria como soluções para emancipação e independência cultural destes espaços marginalizados pela ordem intelectual eurocêntrica, pois é preciso ultrapassar o estágio da angústia da influência e, literalmente, produzir mais e mais com vistas à edição e à propagação de tais textos. A ação de reinterpretação crítica das culturas pelo escritor/personagem/leitor migratório evidencia o sujeito traduzido após a independência, buscando um diálogo franco entre as diferenças. Portanto, a descolonização da literatura pode ser alcançada e, com ela, a descolonização da mente.

Neste sentido, não somente a fusão de nuanças culturais ocorre na zona de contato, mas principalmente toda e qualquer forma de demonstração cultural advinda desta fusão. Por isso, o 'entre-lugar' deslizante de Bhabha, espaço intersticial, intervalar,

hifenado é altamente resiliente e frutífero para a construção literária. Assim, o entre-lugar configura o *locus* da enunciação, um terceiro espaço do discurso, que não pertence a nenhum dos lados envolvidos, mas a ambos. O 'terceiro espaço' e seu discurso fazem emergir a natureza híbrida do sujeito e de sua enunciação.

> É significativo que as capacidades produtivas desse terceiro espaço tenham proveniência colonial ou pós-colonial. Isso porque a disposição de descer àquele território estrangeiro pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura *inter*nacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura. Para esse fim deveríamos lembrar que é o "inter"- o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do "povo". E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. (BHABHA, 2003, p. 69).

Em nível de Brasil, no que tange à construção de nossa 'brasilinidade', um nome de extrema relevância é o do escritor e crítico cultural Silviano Santiago que, na década de 70, vivendo nos Estados Unidos, discute antecipadamente a concepção do que seria o polêmico 'entre-lugar', mais especificamente, "O entre-lugar do discurso latino-americano", título de seu texto onde critica a exaustão de explicação que o intelectual latino-americano busca nos discursos histórico e antropológico que, segundo ele, nos destrói e fala desta nossa destruição. Seria então o caso de se constituir antes de se explicar. Desta forma, nestes encontros de culturas surge um espaço 'vazio', uma terceira margem, uma nova e híbrida condição em que toda a criatividade é possível, pois algo novo se forma. Silviano Santiago explana acerca do espaço cultural que se cria a partir da hibridização e também posiciona o intelectual latino-americano e sua missão ao especificar o que denomina de entre-lugar.

> Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 1978, p. 28).

Para este autor, a fusão entre o europeu e o indivíduo autóctone gera uma nova comunidade híbrida cujo poder de revolução é muito grande porque desestabiliza as concepções eurocêntricas e etnocêntricas de unidade e pureza. Neste terceiro espaço definido por ele de 'entre-lugar', há um processo de inversão de valores e o questionamento do termo 'superioridade'. Neste questionamento se encontra a vitalidade da função do intelectual do 'Novo Mundo', pois a valorização deste intelectual e de sua realidade é o primeiro grande passo para constituir-se integralmente. "O discurso crítico que fala das influências estabelece a estrela como único valor que conta.

Encontrar a escada e contrair a dívida que pode minimizar a distância insuportável entre ele, mortal, e a imortal estrela: tal seria o papel do artista latino-americano, sua função na sociedade ocidental" (SANTIAGO, 1978, p. 20).

Assim, nossa maior contribuição enquanto América Latina seria a destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza uma vez que "estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu poder esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz". Desta forma, Santiago reforça e contribui para o caráter contradiscursivo da literatura ao propor que "Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra" (Ibidem, p. 19).

Em uma releitura de Santiago sobre a proposição do termo 'entre-lugar', Nubia Hanciau remonta os vários e semelhantes conceitos a respeito desta temática, frutos dos cruzamentos culturais e tão difundidos no discurso pós-colonial. São espaços de descentramentos, de quebra de unidade, de deslocamentos referenciais onde a heterogeneidade reina. "Entre-lugar (Santiago), lugar intervalar (Glissant), *tercer espacio* (Moreiras), *in-between* (Mignolo e Gruzinski), caminho do meio (Bernd), zona de contato (Pratt) ou de fronteira (Pizarro e Pesavento)" (HANCIAU, 2005, p. 127). São muitos os termos que se assemelham ao que Bhabha define como 'espaço liminar e intersticial' e que Hall corrobora como 'deslizante'. Todavia, neste emaranhado de terminologias, a discussão crítica, subversiva e híbrida destes entre-lugares é a mesma e tem o mesmo propósito: invalidar a hegemonia européia e a de todos os seus seguidores neo-imperiais, pois negar a alteridade é afirmar a identidade. Para Hanciau "as fronteiras muitas vezes são porosas, permeáveis, flexíveis. Deslocam-se ou são deslocadas" uma vez que possibilitam "pelo contato e permeabilidade, o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um 'terceiro', que se insinua na situação de passagem" (Op. cit., p. 133-134).

Bernardo Élis, em *Nhola dos Anjos e a cheia de Corumbá,* explora o potencial de subjetificação da terceira margem, do entre-lugar cultural conflitante ao narrar a vida sofrida de uma família de ribeirinhos, à terceira margem do rio Capivari.

> Já tinha pra mais de oitenta anos que os dos Anjos moravam ali na foz do Capivari no Corumbá. O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e paludosos. A casa ficava num triângulo de que dois lados eram formados por rios, e o terceiro, por uma vargem de buritis. Nos tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados, mas a passagem da várzea era rasa e podia-se vadear perfeitamente.[3]

A desgraça acometida pela cheia de Corumbá leva ao extermínio da reduzida família que vê como única possibilidade de sobrevivência, a vargem de buritis, o entre-lugar da suposta salvação. Entretanto, próximos da vargem e da vida, em cima de uma jangada improvisada com a porta do barraco já destruído pela inundação, o filho

[3] ÉLIS, Bernardo. Disponível em: http://www.releituras.com/belis_menu.asp/. Acesso em: 1 nov. 2009.

Quelemente se vê obrigado a chutar a velha mãe Nhola para fora da jangada posto que a mesma compromete a vida dos demais. Após tal infortúnio, o filho percebe que a jangada está em um local raso do rio e que a morte da mãe fora em vão. Desesperado, sai rio afora em busca da mãe, numa esperança vaga de encontrar talvez o seu corpo. No entremeio do rio, entrega-se ao fluxo das águas e com ele desaparece. Assim, o netinho de Nhola é o único sobrevivente da tragédia e na terceira margem do Capivari, ressurge como último remanescente da família dos Anjos. "O barulho do rio ora crescia, ora morria e Quelemente foi-se metendo por ele a dentro. A água barrenta e furiosa tinha vozes de pesadelo, resmungo de fantasmas, timbres de mãe ninando filhos doentes, uivos ásperos de cães danados" (Ibidem). Neste caso em particular, o rio não está a simbolizar a vida, mas a morte. A terceira margem em foco parece ser, na diegese, a única possibilidade de manutenção da vida em meio à terrível enchente.

Logo, o 'além' fronteira é onde algo começa a se fazer presente, ou seja, é onde surge um arquivo cronológico de localização no tempo e no espaço deste sujeito que está no entre-lugar, na terceira margem de um espaço 'além' dos binarismos; num lugar de mudanças, de trocas, movediço, contestador e cambiante por excelência.

> Neste início do terceiro milênio nos encontramos exatamente no momento de trânsito em que espaço e tempo, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade. Residir no 'além' é ser parte de um tempo revisionário, que retorna ao presente para redescrever a contemporaneidade cultural, reinscrever a comunidade humana, histórica, 'tocar o futuro em seu lado de cá'. Nesse sentido, o espaço intermediário 'além', torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora. (HANCIAU, 2005, p. 136-137).

O entre-lugar é, então, um novo espaço à luz das trocas culturais, conflitos e ambiguidades que emergem diante das relações de poder. Porém, é neste local que a questão da construção de uma identidade nacional e de uma comunidade pode se efetivar uma vez que é amplamente subversivo e desobediente. Onde a metrópole espera silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação. Desta forma, como Bhabha, Santiago também acredita que o intelectual à margem, ao dominar a língua do opressor, tem um contradiscurso mais prático e eficaz uma vez que "É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida" (SANTIAGO, 1978, p. 22).

Ao reconhecer a 'imitação', a 'falsa obediência' e o 'contradiscurso' e entendê-los também como estratégias de resistência ao ambiente hostil imposto pela Europa ao colonizar o território latino-americano, Silviano Santiago estipula sua definição de 'entre-lugar' que, somente mais tarde, seria largamente discutido nos estudos culturais. "Nesse espaço, se o significante é o mesmo, o significado circula em outra mensagem, uma mensagem invertida" (Idem, p. 24).

Um dos textos que amplamente representa a metáfora do entre-lugar é o célebre conto de Guimarães Rosa, *A Terceira Margem do Rio*. Na diegese, um pai obstina-

do e mentalmente perturbado decide viver no entremeio do rio, numa canoa para sempre ali afixada. Contudo, sua escolha relega a família - mesmo que na margem – a viver igualmente no fluxo do ir e vir das águas, pois os familiares se tornam meros espectadores da terceira margem que o patriarca delimita e incorpora. Como o próprio curso do rio, suas vidas passam e não retornam mais, marcadas profundamente pelo entre-lugar em que se colocou o pai ao buscar entender o existencialismo em si mesmo. "Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, *de meio a meio*, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de toda a gente" (ROSA, 1988, p. 32; grifo meu). Numa inversão da lógica, o filho mais novo, único membro da família que restara, decide assumir esse entre-lugar quando a vida do pai parece se mesclar ao percurso das águas. Todavia, também já envelhecido, o filho se acovarda e não consegue enfrentar a dura realidade escolhida pelo pai, desejando então pertencer à terceira margem quando chegar a hora de ir para além das fronteiras da vida. "Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio" (Ibidem).

3 FINALIZANDO O INFINDÁVEL

Por fim, a característica intermediária do entre-lugar pode ser discutida e indagada inúmeras vezes por entre a tessitura literária porque, de fato, emoldura outro espaço, algo novo e distinto que nem sempre está 'no meio', mas que provavelmente é paradoxal e conflituoso tal qual os indivíduos que retrata. Mediante a leitura e análise destes entremeios, busca-se a subjetividade e com ela a identidade de uma comunidade e, por extensão, de uma nação.

Na mesma vertente de Santiago e Bhabha navega Hanciau (2005, p. 138) ao explanar acerca da distinção do entre-lugar como espaço criador e promotor de possibilidades, ou seja, "o terceiro espaço não pretende ser um terceiro termo, mas um entre-lugar que o engloba e o ultrapassa, uma dimensão que se abre para além da inversão dos termos opositivos [...], escapando da tautologia e do logocentrismo". Não obstante, a literatura de fronteira/regional revela este paradigma cultural, pois expõe a potencialidade de criação deste terceiro espaço em que vozes, crenças, saberes e vontades se aproximam, misturando-se num processo inevitável de transformação e inovação.

Desta forma, eu finalizo uma reflexão que, por sua própria natureza, é de caráter infindável. Como uma pessoa encantada com os fenômenos interculturais, eu continuo a acreditar no pressuposto de que mais atraentes que os pontos de partida e de chegada, tornam-se o trajeto e a travessia de uma experiência cultural. Portanto, a literatura de fronteira passa a ser o corolário que imortaliza os sentimentos oriundos dessas 'passagens'.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila *et alii*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *A representação do outro em tempos de pós-colonialismo*: uma poética de descolonização literária. Disponível em: <www.unigranrio.com.br/letras/revista/textoshirley4.html>. Acesso em: 27 out. 2009.

COSER, Stelamaris. Híbrido, hibridismo e hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF/UFF, 2005. p. 162-188.

ÉLIS, Bernardo. *Os melhores contos de Bernardo Élis*. São Paulo: Global, 2001.

FANTINI, Marli. Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). *Margens da cultura*: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 159-178.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2003.

GOMES, Renato. Deslocamento e distância: viagens e fronteiras na cultura latino-americana – dramatização de marcas identitárias. In: ABDALA JUNIOR, B.; FANTINI, M. (orgs.). *Portos flutuantes*: trânsitos Ibero-afro-americanos. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. p. 25-41.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide Resende *et al*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Rep. UNESCO no Brasil, 2003.

HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF/UFF, 2005. p. 125-161.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PRATT, M.L. *Imperial Eyes*: Studies in Travel Writing and Transculturation. London: Routledge, 1992.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-29.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local*: roteiro para uma leitura crítica de regional sul-mato-grossense. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2008.

SEREJO, Hélio. *Contos crioulos*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.